



TODAS AS DIFERENÇAS CABEM NO MUNDO, INCLUSIVE, PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sandro Vinicius Sales dos **SANTOS**
Doutor em Educação pela UFMG
Professor adjunto do curso de Pedagogia
Faculdade Interdisciplinar em Humanidades
Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Diamantina, Minas Gerais, Brasil
sandrovssantos@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9666-3639> 

Joaquim **RAMOS**
Doutor em Educação pela Universidade Federal de
Minas Gerais – Doutorado Latino-Americano
Professor da Rede Municipal de Educação de Belo
Horizonte e da Rede Estadual de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
joaquimramos2@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-3829-6877> 

*Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
(Gonzaguinha “E vamos à luta”)*

É com grande satisfação que apresentamos o **dossiê “Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências”**. A publicação de uma coletânea de artigos que versam sobre docência, masculinidades, educação e cuidados de crianças pequenas, em um momento conturbado como o que assola nosso país, ocasionado por dois vírus letais: a pandemia de Covid-19 e a intolerância à diversidade, se conforma como uma estratégia de resistência à onda conservadora que insiste em impor retrocessos no campo das ideias, da cultura, das artes e das práticas pedagógicas.

Como em um pesadelo, vivemos hoje, uma espécie de genocídio, com milhares de vidas humanas ceifadas pelo coronavírus. Neste momento de isolamento social, nós, trabalhadores e trabalhadoras em educação – cada um/a com seus modos peculiares de cuidar de si, para, assim, cuidar da coletividade – percebemos no horizonte um cenário sombrio, apontando a morte como protagonista, à espreita da próxima vítima, que pode ser qualquer um, qualquer uma. O nosso propósito nestes tempos tristes é o de sermos arautos da esperança, pois – mesmo que haja – é inconcebível a existência de professores/as desesperançados/as.

Em todo o território nacional, as atividades escolares presenciais foram e – até outubro de 2020 – continuam suspensas. Amedrontados por uma doença sem precedentes, acuados, dentro de casa, tentamos cumprir as orientações da Organização Mundial de Saúde, ainda que haja em nosso país, pessoas contrárias a esse ato de cuidar de si para cuidar do outro. Em meio a essa guerra sanitária, há aqueles e aquelas que pouco se importam com “isso”, além de escarnecerem dos que adoecem e morrem.

Dentro desse cenário sombrio e, no tocante, às relações de gênero, os conservadores não cessam de perseguir pessoas (sejam elas brasileiras ou estrangeiras). No ano de 2017, acompanhamos acontecimentos que nos deixaram perplexos. Basta lembrar a vinda ao Brasil da filósofa Judith Butler – estudiosa do feminismo e da teoria queer – para participar de um evento na Universidade Federal de São Paulo. Mesmo sendo exímia pesquisadora das relações humanas, Butler foi tratada como bruxa e, simbolicamente, queimada em praça pública por integrantes dessa onda fascista, além de ter sido agredida fisicamente e acusada de destruidora da família cristã – um ato de crueldade que nos fez rememorar tempos medievais.

Assim, paradoxalmente, em meio a esses *modus nonsenses* da classe política e seus asseclas, a luta dos movimentos sociais é diuturna e incessante, em um cenário onde imperam duas guerras: uma contra o vírus e a outra de ordem moral e política. Por detrás de algumas lideranças políticas, há os seguidores que tentam, à base da força, da ignorância e da violência, imprimir suas marcas e fazer valer as suas ideias, como nessa ocorrência com Judith Butler.

E o que dizer da atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos? Desde o final do ano de 2018, ela vem tentando desconstruir conquistas dos movimentos feministas e LGBTQIA+. Quando da ocasião do anúncio de seu nome para o ministério, em explícito escarnecimento dos avanços obtidos pelos estudos e movimentos feministas e de gênero, apelou para velhos bordões, ao afirmar que o Brasil entrou em uma nova era pois “menino veste azul, menina veste rosa”.

Não bastassem tantos retrocessos, nas mais variadas áreas, cancelados pelo governo federal, em 2019, na Assembleia Legislativa de São Paulo, três deputadas do PSL, autoproclamadas “Trio de Ferro da Direita”, apresentaram o polêmico Projeto de Lei 1174/2019, propondo exclusividade para as mulheres em relação aos cuidados íntimos das crianças em creches e pré-escolas em todo o Estado.

É neste contexto que apresentamos o dossiê “Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões disputas e confluências”. A ideia da elaboração do mesmo foi gestada nos bastidores do “13º Mundo de mulheres e Fazendo Gênero 11”, evento em

que tivemos o prazer de conhecer a Prof.^a Dr.^a Márcia Buss-Simão que, de modo receptivo e afetuoso, acenou positivamente para uma futura parceria com a Revista “Zero a Seis”. Esse encontro foi primordial para concretização desse dossiê.

Deste modo, mesmo em tempos “bicudos” como os de agora, em que a educação, de modo geral, é tratada como vilã por parte dos governantes de plantão e que as denominadas “minorias”, no campo da diversidade, sofrem com as mazelas por parte desses mesmos governantes é que apresentamos o presente dossiê. Para além desses momentos de insanidade na política e das inúmeras crises de nossa vida em sociedade, no campo das relações de gênero – para retomar a temática do dossiê – se de um lado, como norma, a denominada masculinidade hegemônica se distingue, neutraliza e por vezes oprime tantas outras, em especial as masculinidades subordinadas, como atestam Connell e Messerschmidt¹; de outro lado, os professores do sexo masculino que ingressaram na Educação Infantil apresentam inúmeras formas de nela permanecerem. Dentre essas, destacam-se as estratégias de superação das interdições e dos inúmeros atravessamentos relacionados ao gênero, que serão apresentados nos artigos que compõem esse dossiê.

Em meio a tudo isso, temos o dever de acreditar em dias melhores. Paulo Freire (patrono da educação brasileira, cujo legado é diuturnamente enxovalhado pelos fascistas de plantão) nos ensinou que é preciso ter esperança, não com a passividade do verbo esperar, mas com o engajamento do verbo esperar; ir à luta, construir, não desistir². Ou como dito na epígrafe deste texto: é preciso acreditar nessa rapaziada, colocar fé na fé da moçada que não foge da fera e enfrenta o leão.

De modo geral, os artigos e relatos apresentam um jeito diferente e novo de perceber a realidade dos profissionais do sexo masculino que atuam em creches e pré-escolas, tanto no Brasil quanto em outros países. Esses textos trazem a marca do inusitado, da luta incessante nos locais de trabalho e a indiscutível marca de pesquisas compromissadas com o reconhecimento e o respeito às diferenças, produzidas com seriedade, ética e compromisso com a ciência. Essas pesquisas, ao mesmo tempo que denunciam preconceitos e discriminações, são também propositivas ao evidenciarem novas formas de pensar a docência masculina na Educação Infantil. Em outras palavras, como dito em um dos textos que compõe o dossiê, é necessário reinventar um campo receptivo às diferentes experimentações, que seja criativo/inventivo, aberto às novas

¹ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241- 282, jan./abr. 2013.

² FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

sensibilidades, um campo que traduza suavidade e doçura, sem perder o encantamento pela luta cotidiana. Deste modo, é possível construir possibilidades de novos encontros e novas relações – pois todas as diferenças cabem no mundo. E assim, na efetiva ação de esperançar, poderemos, juntos, agenciar outras transformações.

O presente dossiê é composto por 17 artigos – número que evidencia a ampliação, a complexificação e a difusão das questões envolvendo os professores homens na docência da Educação Infantil. Os artigos aqui reunidos conformam-se como resposta à onda conservadora que, ao tentar cercear os tempos e espaços de atuação de professores do sexo masculino, impõe visões de mundo sexistas, misóginas, retrógradas e reacionárias que incidem diretamente sobre a qualidade da oferta de experiências de educação e de cuidados, destinadas às meninas e aos meninos de até cinco de idade em creches e pré-escolas. E mais: o conjunto dos trabalhos aqui reunidos apresenta nuances importantes da produção acadêmica brasileira e internacional.

Os cinco primeiros artigos evidenciam como ocorre o debate relativo às interfaces que envolvem docência masculina, cuidados e educação de crianças em outros países. O texto do pesquisador belga Jan Peeters (que conta com tradução de Ângela Scalabrin Coutinho) intitulado: “*Profissionalidade e gênero: participação dos homens e pequena infância*” evidencia as tentativas da União Europeia de inserir a figura masculina nas profissões para a pequena infância, enquanto política de equidade de gênero – tarefa realizada, sobretudo, a partir de análise da situação do Reino Unido.

O artigo “*Profissionais de Educação Infantil na Suécia: limites e possibilidades de compartilhamento de tarefas entre homens e mulheres*”, de autoria de Ricardo Gonçalves de Sousa e Wesley Lopes da Silva, apresenta os descompassos entre os modos como homens e mulheres afirmam existir paridade nas divisões do trabalho com as crianças suecas que frequentam a pré-escola e as situações concretas vividas por professores e professoras no cotidiano daquele país.

O terceiro artigo é de autoria de Daniel Brailovsky, cujo título é “*Los muy señoritos: maestros varones em el nivel inicial*”. O texto apresenta elementos que permitem compreender que a presença de homens na docência com bebês e crianças pequenas, assim como no Brasil, é alvo de suspeita e desconfiança também na Argentina – e faz com que os professores homens atuem no cotidiano de modo distinto das mulheres.

De autoria de Joaquim Ramos; Maria de Fátima Cardoso Gomes e Alexander Ruiz Silva, o artigo “*Professores homens na educação inicial: um estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil colombiana*” analisa os limites e possibilidades da

presença masculina na Educação Infantil, a partir do contraste das perspectivas de homens e mulheres que atuam como professores em Bogotá, Colômbia. Em linhas gerais, os sujeitos da pesquisa concebem os profissionais do sexo masculino como substitutos paternos, em contraposição às teorias do substituto materno – perspectiva difundida no Brasil na década de 1970.

O quinto artigo, intitulado: *“Eu acho estranho!” Compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil*”, assinado por Lenira Haddad, Claudia Denise Sacur Marques e Luciano Henrique da Silva Amorim, realizado a partir de uma pesquisa com proposta metodológica arrojada, discute os estranhamentos que profissionais de Educação Infantil de Maceió, Alagoas, expressam ao perceber a presença de homens na docência com crianças em instituições de cuidados e educação dinamarquesas.

Os três próximos textos abordam questões mais amplas relativas à presença de homens na Educação Infantil. Em *“Um diálogo entre o macro e o micro: o que os números revelam sobre a docência masculina na Educação Infantil e o contexto carioca”*, os autores Rodrigo Ruan Merat Moreno e Alexandra Coelho Penna discutem, a partir dos dados do Censo Escolar, a realidade encontrada em creches e pré-escolas da cidade do Rio de Janeiro: os professores homens ainda são uma minoria, apesar de, ao longo dos últimos anos, constatarem modesto aumento neste quantitativo. Apesar da ampliação do número de professores homens na capital fluminense, a presença desses sujeitos ainda é alvo de estranhamento por parte de gestores e familiares das crianças.

“A presença masculina de professores de educação física na Educação Infantil: da inserção à gestão escolar” é o título do artigo de autoria de Rodrigo Lema Del Rio Martins, Fernando Torres Otero de Souza e André da Silva Mello. Os autores descrevem as trajetórias profissionais de professores formados em Educação Física que atuam na Educação Infantil em Vitória, Espírito Santo, evidenciando percursos e percalços vividos por eles, da inserção na carreira até o momento em que chegam à gestão das instituições de Educação Infantil. Nesse processo, os autores percebem que a divisão sexual do trabalho e o machismo estrutural se constituem como fatores que vão do estranhamento à aceitação desses sujeitos, demonstrando que é desejável (ou natural) que homens ocupem lugares de comando e gestão – noções associadas a representações hegemônicas da masculinidade.

“O professor homem na Educação Infantil: o que pensam pais, mães e educadoras?”; assinado por Dalila Castelliano de Vasconcelos, Lucivanda Cavalcante Borges e Nádia Maria Ribeiro Salomão é o oitavo artigo do dossiê. No texto, que também

apresenta desenho metodológico arrojado, as autoras evidenciam que a resistência ou a aceitação da presença masculina nas ações de cuidar e educar varia de acordo com o sexo das crianças e de seu progenitores – fator que evidencia a necessidade de um debate coletivo crítico e acolhedor sobre a presença masculina nas instituições de Educação Infantil paraibanas.

Os quatro artigos seguintes evidenciam as tensões decorrentes da inserção e permanência de homens na Educação Infantil. O artigo de Peterson Rigato da Silva; Mariana Kubilius Monteiro; Ana Lúcia Goulart de Faria e Helena Altman, intitulado: *“Homens na Educação Infantil: propostas educativas açucaradas? questões de gênero na educação da pequena infância”*, evidencia os ditos, os interditos e os contraditos acerca da presença masculina em creches e pré-escolas, a partir de duas pesquisas realizadas com docentes que atuam na Educação Infantil de duas cidades paulistas.

“Vai ser um professor?!: estranhamentos perante a figura do professor do sexo masculino na Educação Infantil”, de autoria de Jéssica Daniele Fávaro e Célia Regina Rossi é o décimo artigo da coletânea. Nele, as autoras discutem que os professores homens podem atuar na desconfiguração dos padrões de gênero no contexto educativo desconstruindo a diferenciação entre gêneros também em suas práticas, na tentativa de permitir às crianças vivenciarem múltiplas experiências sem as barreiras da normatização heterossexual, tão presente nas instituições de educação infantil – processo que não ocorre sem tensões e constrangimentos.

O artigo *“O homem-professor na Educação Infantil e a produção da profissionalidade”*, de Alexandre Toaldo Bello; Jane Felipe e Jaime Eduardo Zanette, traz a força e a sagacidade das pesquisas sobre gênero e sexualidade realizadas no sul do país, evidenciando que a profissionalidade do professor de Educação Infantil se constrói mediante pânico moral que oscila entre o medo da pedofilia e a suspeição de sua sexualidade, enfatizando que sua orientação sexual sirva de exemplo para as crianças.

Ainda em se tratando de análises que abarcam as interfaces da docência masculina com a sexualidade, o artigo: *“Enfrentei muitas tempestades como professor de Educação Infantil: um debate sobre identidade docente e homossexualidade masculina”*, de Vinicius Expedito Mena Oliveira e Daniela Finco, aborda as tensões e os embargos vividos por professores do sexo masculino que, socialmente, se assumem homossexuais e atuam na docência de bebês e crianças pequenas em uma cidade de São Paulo.

Os dois próximos artigos buscam positivar a presença masculina na Educação Infantil a partir da mudança de foco nas análises. Em "*Professores homens da Educação Infantil: narrativas e (des)encontros entre corpos, brincadeiras e cuidados*", artigo assinado por Patrícia Dias Prado, Viviane Soares Anselmo e Isabela Signorelli Fernandes, são analisados os limites e as possibilidades de constituição da dimensão brinçalhona de docentes do sexo masculino por meio das experiências lúdicas desenvolvidas *para* e *com* as crianças.

O outro artigo: "*Percepções das crianças sobre as relações de gênero a partir das interações vividas entre pares e na companhia de uma professora e um professor na Educação Infantil*", de autoria de Sandro Vinicius Sales dos Santos; Alexandre Gomes Soares e Denise da Silva Braga, busca compreender como as relações estabelecidas entre um professor homem e as professoras mulheres são percebidas e significadas pelas crianças no cotidiano de uma instituição de Educação Infantil de Belo Horizonte, Minas Gerais, evidenciando a urgência de as questões de gênero figurarem no debate institucional de creches e pré-escolas, principalmente quando a instituição possui um professor do sexo masculino.

Dois outros artigos discutem limites e possibilidades da presença masculina em tempos, espaços e experiências formativas em contextos não institucionalizados de educação da infância. O primeiro texto: "*Experiências de pesquisa de um corpo masculino adulto numa instituição de Educação Infantil*", de Túlio Campos; Maria Cristina Soares de Gouveia e José Alfredo de Oliveira Debortoli, evidencia a relação de um pesquisador homem com mulheres, meninos e meninas em uma investigação sobre excursões de um grupo de crianças de cinco anos, por espaços da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Já o outro artigo, intitulado: "*Homens e crianças: corpos e sexualidades no meio aquático*", de autoria de Wagner Xavier de Camargo, discute, a partir de descrições etnográficas realizadas na piscina de uma academia situada em uma cidade de São Paulo, as interfaces de gênero, masculinidades e profissionais do sexo masculino em práticas de ensino-aprendizagem da natação com crianças pequenas.

Fechando a seção de artigos do dossiê, o texto: "*Doces bárbaros: por uma nova sensibilidade dos professores homens na Educação Infantil*", escrito por Vitor Janei e Silvio Ricardo Munari Machado, de São Carlos, São Paulo, traz importantes inflexões para o campo teórico. Redigido em forma de ensaio, o texto argumenta que o debate atual já não deve questionar se queremos ou não a presença masculina na Educação Infantil, pois trata-se de uma realidade. A grande questão que se nos impõe na

contemporaneidade seria como positivar tal presença na perspectiva de possibilitar a produção de novas/outras masculinidades desde a Educação Infantil.

Além dos artigos, o dossiê ainda conta com três relatos de práticas de professores do sexo masculino que evidenciam diferentes momentos e situações vividas durante a trajetória profissional de homens atuando na educação e nos cuidados de bebês e crianças pequenas. O relato: *"Afeto é palavra masculina experiências de um estagiário da Educação Infantil no recôncavo da Bahia"* de Robervaldo Neri dos Santos Passos e Alice Costa Macedo, apresenta as dificuldades enfrentadas pelo primeiro autor durante o estágio em Educação Infantil vivido durante o curso de licenciatura em Pedagogia, em Amargosa, Bahia.

O texto de Rayffi Gumercindo Pereira de Souza, José Luiz Ferreira e Fernanda de Lourdes Almeida Leal, intitulado *"Docência na Educação Infantil: tecendo reflexões sobre gênero, masculinidade e formação de professores/as"*; também apresenta o processo de constituição enquanto docente de uma creche universitária da Paraíba, vivenciado pelo primeiro autor.

Por fim, o texto *"A sua vaga é para zelador, não é? O lugar do homem na docência da Educação Infantil - desafios e tensões"*, de Eliana Maria Ferreira, Claudemir Dantes da Silva e Clóvis Irala apresenta os relatos de professores que atuam na Educação Infantil da rede municipal de educação da cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, destacando elementos do início de suas carreiras que traduzem ações discriminatórias e estereotipadas sobre a presença de homens atuando na educação das crianças pequenas.

Como dito, nesse momento tão difícil de nossa história, o conjunto dos trabalhos reunidos nesta coletânea conforma-se como estratégia de resistência à ação de grupos conservadores que insistem em distanciar os homens do cuidado e da educação das crianças pequenas. Além disso, o dossiê focaliza os professores do sexo masculino que, em muitos casos, encontram-se deslocados e fora do lugar, ao exercerem as ações de educação e cuidado de crianças pequenas. Os artigos evidenciam, ainda, possibilidades reais de os profissionais do sexo masculino constituírem-se enquanto sujeitos que promovem a desconstrução de estereótipos de gênero, contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária, menos sexista e contrária a toda e qualquer forma de discriminação.

Boa leitura!

Sandro Vinicius Sales dos Santos

Joaquim Ramos
(Organizadores do Dossiê)

